

A LUTA ENTRE IMPULSO DE VIDA E MORTE EM “VIVER!”, DE MACHADO DE ASSIS

Adilson dos Santos*

SABES QUEM foi Ahasverus?... – o precito,
O mísero Judeu, que tinha escrito
Na frente o selo atroz!
Castro Alves

Resumo

O conto “Viver!”, de Machado de Assis, ambienta-se no sonho de Ahasverus, o judeu condenado a vagar pelo mundo imortalmente por ter empurrado Jesus no seu percurso para a crucificação. Este aspecto onírico mostra-se revelador para a compreensão do protagonista, uma vez que, da leitura de seu sonho, o leitor consegue chegar às suas aspirações mais profundas. O conto o apresenta como sendo o último dos homens e, por esta razão, prestes a morrer, já que a pena imposta duraria até o findar da espécie humana. À primeira vista, tal condenação se caracterizaria como sendo por demais funesta. Nesse sentido, para ele, morrer seria um alívio. Todavia, até então, a morte estava excluída de seu horizonte. Não poderia perder a vida, visto que havia perdido a morte, o que demonstra que a pena imposta lhe foi igualmente conveniente, pois lhe garantiu a longevidade. A situação vivida em seu sonho vem justamente assinalar aquilo que o judeu mais anseia: viver.

Palavras-Chave: Sonho; Vida; Morte.

Abstract

The short story “Viver!”, by Machado de Assis, takes place in the dream of Ahasverus, the Jew who was condemned to restless wandering around the world without

being allowed to die as a punishment for pushing Jesus on His way to crucifixion. This onirical aspect shows itself revealing for our comprehension of the protagonist. By reading his dream, the reader can understand Ahasverus's deepest aspirations. The short story presents the Jew as being the last men on Earth and, for this reason, on the verge of dying, since the punishment would last only until the end of mankind. At first, such a sentence would be characterized as disgraceful. In that sense, for him dying would be a relief. However, up to that time, death had been excluded from his horizon. He could not lose his life because he had lost death. This shows that the condemnation was also a reward, because it provided him with longevity. In this way, the situation experienced in his dream indicates what he most wishes for: to live.

Keywords: Dream; Life; Death.

“Viver!”, conto que integra o volume *Várias histórias* (1896), de Machado de Assis (1839-1908), apresenta uma estrutura peculiar. Toda a narrativa é construída sob a forma de um diálogo em que as falas de cada personagem são demarcadas por meio de indicações nominais que as precedem, assemelhando-se, dessa forma, mais a uma pequena peça do que a um conto propriamente dito¹. Além disso, há no texto três indicações que se caracterizam como espécies de didascálias², tal como atesta a seguinte passagem que abre a narrativa: “*Fim dos tempos. Ahasverus, sentado em uma rocha, fita longamente o horizonte, onde passam duas águas cruzando-se. Medita, depois sonha. Vai declinando o dia*”³ (Assis, 1959, p. 253)⁴.

* Doutorando em Letras. Universidade de Londrina.

¹ A especificidade estrutural de “Viver!” faz-se igualmente presente nas seguintes narrativas de Machado de Assis: “Teoria do medalhão”, “Anel de Polícrates”, “Singular ocorrência”, “O melhor remédio”, e “A desejada das gentes”.

² Na Antiga Grécia, conjunto de instruções ou indicações fornecidas pelos autores dramáticos aos atores que lhes representavam as obras.

³ As demais didascálias encontram-se registradas nas seguintes passagens: “(atira a moeda ao longe)” (p. 257) e “(Continua sonhando. As duas águas aproximam-se)” (p. 266).

⁴ Para as demais citações, indicaremos apenas o número da página.

Conforme acabamos de observar, a história se passa no derradeiro dia, “o limiar da eternidade” (p. 253). Inicialmente, Ahasverus pensa longamente e, em seguida, sonha. É neste espaço onírico que se trava um diálogo entre dois personagens marcados na fronte com o selo atroz da maldição: Prometeu, representante da cultura clássico-pagã, e Ahasverus, representante da cultura judaico-cristã. Antes, porém, de nos adentrarmos na análise do texto, cumpre apresentar algumas considerações acerca de cada personagem.

No que tange a Prometeu, reza a mitologia grega que o Titã fora o criador dos homens. Etimologicamente, seu nome significa “o que vê, percebe ou pensa antes” (Brandão, 2000, p. 328), ou melhor, “previdente”, “precavido”. Sempre preocupado com os seres humanos, procurou dotá-los de todas as suas habilidades e faculdades, dando-lhes, assim, civilidade. Por causa dos homens, Prometeu enganou Júpiter (Zeus) por duas vezes. Na primeira delas, quando o pai dos deuses desejava criar uma nova raça e exterminar os mortais, Prometeu procurou ludibriá-lo. Ao dividir um boi em duas partes – uma contendo as carnes e as entranhas, cobertas pelo couro do animal, e a outra, contendo apenas os ossos, sob o disfarce de sua gordura branca – pediu a Júpiter que escolhesse uma delas, sendo a outra oferecida aos homens. Tendo escolhido a parte pior, o soberano encolerizou-se e resolveu tomar o fogo dos homens, símbolo de sua inteligência. Todavia, mais uma vez, Júpiter é enganado pelo ousado Prometeu, que rouba o fogo celeste e reanima os mortais. Em função do logro, o soberano do Olimpo procura punir tanto a humanidade quanto seu benfeitor. Contra a primeira, cria Pandora, a primeira mulher. Contra o segundo, prende-o, por meio de correntes, a uma coluna, no monte Cáucaso, onde, durante o dia, uma águia haveria de devorar-lhe o fígado. Para desespero do “acorrentado”, o órgão se recompõe à noite, estando intacto, na manhã seguinte, para nutrir a águia. No entanto, várias gerações adiante, Hércules mata a ave e o liberta. Como Prometeu sabia a forma como Júpiter seria destronado, o rei do Olimpo, mediante a condição de que lhe revelasse o segredo, permite-lhe ganhar a liberdade.

No que diz respeito à lenda de Ahasverus, de acordo com Luís da Câmara Cascudo, esta surgiu “em Constantinopla, no século IV, e apareceu na Europa em 1228, quando um arcebispo da Grande Armênia, visitando a Inglaterra, disse no convento de Saint’ Albans conhecer no seu país uma testemunha da paixão de Cristo” (1972, p. 476). Diz a lenda que, no dia do santo suplício, Jesus, açoiado, humilhado, sangrando e não suportando mais o peso

da cruz, deteve-se em frente à tenda de Ahasverus, o sapaiteiro, para haurir forças e, assim, prosseguir em seu calvário. Deixando seus afazeres, o judeu, zombeteiramente, dirigiu-se ao Messias e, empurrando-o, gritou-lhe: “Vai andando! Vai logo!”. Olhando-o, Jesus lhe respondeu: “Eu estou indo, mas tu andarás e esperarás até a minha volta”⁵. Segundo Berta Waldman, “é sobre uma palavra que se congela – a de Cristo – que se produz anátema, e essa palavra unidirecional cria um destino” (1998, p. 45) que enlaça o judeu para sempre. Desligado da graça e condenado à imortal penitência, Ahasverus deverá perambular constantemente pelo mundo a fora, sem pátria, sem trabalho, sem descanso, sem pouso, solitário, percorrendo uma vida de indignância. Diz a tradição que, durante a Quinta-feira Santa e na Sexta-feira da Paixão, dias em que os cristãos rememoram a morte de Jesus, o judeu errante costuma aparecer. Trata-se de “um velho alto e magro, muito barbado, cabelo comprido e com um manto escuro” (Cascudo, 1972, p. 476).

A história de Ahasverus nos veio de Portugal. Segundo Cascudo, “seu aproveitamento literário foi, no século XIX, uma verdadeira moda cultural” (1972, p. 476). Na Europa, serviu de tema para poemas, romances, crônicas, peças de teatro, literatura de cordel, além de filmes, óperas e, até mesmo, a pintura. Para Marie-France Rouart, “esse drama impressiona as imaginações porque engloba todo o espaço e todo o tempo humanos” (2000, p. 465). No Brasil, a lenda inspirou a imaginação de Castro Alves (1847-1871), em seu poema “Ahasverus e o Gênio” (*Espumas flutuantes*, 1870), e de Machado de Assis, em seu conto “Viver!”.

Na pena de Machado de Assis, tanto o mito de Prometeu quanto a lenda de Ahasverus são revisitados. Prometeu já não se encontra mais agrilhado e Ahasverus – diferentemente da lenda tradicional, na qual estava determinado que deveria permanecer vivo até a segunda vinda de Cristo – está na iminência de conquistar a liberdade, pois, de acordo com a roupagem machadiana, seu castigo deveria durar até o findar da espécie humana, fato que já se constata no momento de sua fala:

Sou o último; posso morrer. Morrer! deliciosa idéia! Séculos de séculos vivi, cansado, mortificado, andando sempre, mas ei-los que acabam e vou morrer com eles. Velha natureza, adeus! Céu azul, nuvens renascentes, rosas de um dia e de todos os dias, águas perenes, terra inimiga, que me não comeste os ossos, adeus! O errante não errará mais. Deus me perdoará, se quiser, mas a morte consola-me (p. 253).

⁵ Ao que tudo indica, para elaborar a lenda do Judeu Errante, a imaginação popular se inspirou – de certa forma, ingenuamente – em alguns trechos bíblicos. Uma das passagens utilizadas para dar suporte à lenda encontra-se em Mateus 16: 28: “Em verdade vos digo que alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu Reino”. Dialogando com essa referência, há também outra passagem no Evangelho de João 21: 20-23 que parece apontar para a imortalidade do próprio autor do relato: “20 Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo que Jesus amava [João], aquele que, na ceia, se reclinara sobre seu peito e perguntara: ‘Senhor, quem é que te vai entregar?’ 21 Pedro, vendo-o, disse a Jesus: ‘Senhor, e este?’ 22 Jesus lhe disse: ‘Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me’”. Ver ainda: Lucas 9: 27 e Marcos 9: 1.

Conforme ilustrado anteriormente, ambas as figuras seculares tiveram problemas com instâncias superiores, o que resultou em longas e dolorosas penas. Todavia, cada um se posicionou de forma distinta diante das divindades supremas. Enquanto Prometeu externou toda sua revolta e indignação, Ahasverus, resignadamente, submeteu-se à vontade divina, por achá-la válida e exemplar:

Tal é a minha culpa; não tive piedade para com aquele que ia morrer. Não sei mesmo como isto foi. Os fariseus diziam que o filho de Maria vinha destruir a lei, e que era preciso matá-lo; eu, pobre ignorante, quis realçar o meu zelo e daí a ação daquele dia. Que de vezes vi isto mesmo, depois, atravessando os tempos e as cidades! Onde quer que o zelo penetrou numa alma subalterna, fez-se cruel ou ridículo. Foi a minha culpa irremissível (p. 256).

À primeira vista, a pena imposta a Ahasverus foi por demais funesta. Como afirma Marie-France Rouart, “*nele, a imortalidade sobre a Terra torna-se paradoxalmente a sanção mais terrível que pode atingir um homem, uma vez que o exclui de toda feição humana e faz com ele veja tudo à sua volta morrer, desaparecer e renascer*” (2000, p. 665). Em oposição aos demais homens, que puderam fechar o ciclo de suas vidas, o judeu errante está subtraído da ordem cotidiana e ordinária do mundo. Enquanto a história humana caminha, a sua estagna-se. Trata-se, nas palavras de Rouart, da “*eternidade de um tempo morto e o vagar sem rumo ligado ao movimento*” (2000, p. 667). É o que podemos observar nas palavras do protagonista:

As gerações legavam-me umas às outras. As línguas que morriam ficavam com o meu nome embutido na ossada. Com o volver dos tempos, esquecia-se tudo; os heróis dissipavam-se em mitos, na penumbra, ao longe; e a história ia caindo aos pedaços, não lhe ficando mais que duas ou três feições vagas e remotas. E eu via-as de um modo e de outro modo (p. 257-258).

Para agravar a sua situação, nem ao menos o direito ao trabalho lhe foi atribuído. Conforme Ahasverus, “*a eterna justiça soube o que fez: somou a eternidade com a ociosidade*” (p. 257). Além disso, os longos anos vividos conferiram-lhe uma visão desencantada da humanidade, marcada por uma ininterrupta degradação:

Vi padecer os outros homens, e, para o fim, o espetáculo da alegria dava-me a mesma sensação que os discursos de um doudo. Fatalidades do sangue e da carne, conflitos sem fim, tudo vi passar a meus olhos, a ponto que a noite me fez perder o gosto ao dia, e acabo não distinguindo as flores das urzes. Tudo se me confunde na retina enfarada (p. 258).

Nesse sentido, para ele, morrer seria realmente um alívio. Poder-se-ia inclusive interpretar seu atual estado de

dor, angústia, desespero e insegurança como sendo exclusivamente decorrente dessa situação. Entretanto, uma leitura mais atenta do texto demonstra que essa condição emocional não é resultante unicamente do passado vivido, mas do futuro iminente. Até o momento em que não acabasse a raça humana, a morte não teria poder sobre ele; estava excluída de seu horizonte. Não poderia, pois, perder a vida, já que havia perdido a morte, o que demonstra que a pena imposta lhe foi igualmente conveniente, pois lhe garantiu a longevidade. É precisamente aqui que sua aflição chega ao ápice.

Toda a narrativa se passa no sonho de Ahasverus. É sabido que o sonho é um dos agentes de informação acerca do estado psíquico de quem sonha. Trata-se do espaço do “não-controle”, do “espontâneo”, que funciona como germe de mudança da realidade. Assim sendo, o texto atua como via direta que possibilita ao leitor penetrar no inconsciente do protagonista. Os diálogos nele contidos refletem aquilo que se passa no interior do judeu, suas aspirações mais profundas.

É neste mundo onírico que, após ter constatado que era o último dos homens e, então, poderia finalmente fechar “*a porta da vida*” (p. 254), Ahasverus é surpreendido pela presença de um ente não pertencente à raça humana: Prometeu. No diálogo travado entre os personagens, a divindade grega revela-lhe ter sido o criador dos homens. Diante dessa declaração, o judeu encoleriza-se: “*Moisés mentiu-me. Tu Prometeu, criador dos primeiros homens?*” (p. 260). Para ele, ao criar a humanidade, o Titã também criara todas as suas mazelas. Se ele não a tivesse gerado, certamente não teria padecido tantos males. Percebe-se, através de sua atitude, que suas crenças judaicas caem por terra. Indignado, torna a prender Prometeu à rocha.

Assim como zombara de Zeus, Prometeu ludibriará Ahasverus. Primeiramente, compreensivo de sua fragilidade, deixa-se agrilhoar, mas deixa claro que o próprio judeu será o seu futuro libertador: “*Não arrancarás uma letra ao teu destino, ele se cumprirá inteiro. Tu mesmo serás o novo Hércules. Eu, que anunciei a glória do outro, anuncio a tua; e não serás menos generoso que ele*” (p. 261). Em seguida, dá início a um discurso marcado pela persuasão. Para isso, falará a Ahasverus numa linguagem que lhe é familiar, ou seja, bíblica. Vale lembrar que o deus grego é uma figura ardilosa, que sabe agir de maneira a angariar para si vantagens e a não se deixar enganar.

Segundo Prometeu, o mal acabará juntamente com a morte e as injustiças e uma nova era marcada pela paz e justiça surgirá. De acordo com o Titã, “*uma raça nova povoará a terra, feita dos melhores espíritos da raça extinta; a multidão dos outros perecerá. Nobre família, lúcida e poderosa, será perfeita comunhão do divino com o humano*” (p. 262). Caberá a Ahasverus ser o elo responsável por ligar o mundo passageiro e o eterno. Pela sua experiência, será escolhido para ser não o derradeiro homem sobre a terra, mas o primeiro de uma nova espécie mais forte que a anterior, invertendo-se, portanto, as predições:

Tu mesmo, tu eleito, tu, rei. Sim, Ahasverus, tu serás rei. O errante pousará. O desprezado dos homens governará os homens. [...] Tu rei. Que outro seria? O mundo novo precisa de uma tradição do mundo velho, e ninguém pode falar de um a outro como tu. Assim não haverá interrupção entre as duas humanidades. O perfeito procederá do imperfeito, e a tua boca dir-lhe-á as suas origens. Contarás aos novos homens todo o bem e todo o mal antigo. Reviverás assim como a árvore a que cortaram as folhas secas, e conserva tão-somente as viçosas; mas aqui o viço é eterno (p. 263).

Diante desse futuro grandioso, messiânico, o judeu mergulha em devaneios. Ahasverus, que até então experimentara um “*profundo fastio da existência*” (p. 255), passa a encará-la de forma diversa. Em certos momentos, chega até mesmo a duvidar: “*Estes olhos... estas mãos... vida nova e melhor... Visão excelsa! Titão, é justo. Justa foi a pena; mas igualmente justa é a remissão gloriosa do meu pecado. Viverei eu? eu mesmo? Vida nova e melhor? Não, tu mofas de mim*” (p. 263). Mais adiante, ele ainda diz: “*Põe a mão sobre a minha cabeça, olha bem para mim; incute-me a tua realidade e a tua predição; deixa-me sentir um pouco da vida nova e plena... Rei disseste?*” (p. 266). É como se a maldição se transformasse em redenção, valendo a pena ter expiado seu erro por tanto tempo. A felicidade proporcionada por essa “suposta” nova condição faz com que o judeu contradiga tudo aquilo que havia declarado, ou seja, o alívio em morrer. Seduzido pelas promessas de Prometeu, liberta-o, selando com esse ato o que havia sido por ele previsto.

Curiosamente, do inconsciente de Ahasverus, surge justamente uma figura cujo aspecto qualitativo é saber, de antemão, o futuro; e o futuro por ele antevisto vem saciar a sua sede de viver. Uma vez temeroso com a liberação da pena que lhe havia sido imposta, Prometeu atua com porta para atingir aquilo que mais deseja. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma relação de complementação entre a situação consciente vivida, objetiva, do sonhador, ou seja, o problema da iminente morte, e a situação vivida em seu sonho, onde a solução para tal questão lhe é apresentada. Não é de se estranhar que o título atribuído à narrativa seja “Viver!”, apontando, dessa forma, para aquilo que o judeu mais ansiava. Como observam as duas águias que sobrevoam a rocha

onde Ahasverus está a sonhar, ainda na morte este mostra um enorme apego à vida:

UMA ÁGUIA. — Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida.

A OUTRA. — Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito (p. 266).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Castro. Ahasverus e o Gênio. In: _____. *Espumas flutuantes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. p. 21-22.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Viver!. In: _____. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Jackson, 1959. p. 251-266.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2001.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 2. vols. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Judeu Errante. In: _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. p. 476-477.
- CÉZAR, Adelaide Caramuru. O registro de diferentes concepções do tempo em Viver!, de Machado de Assis. *Estudos Linguísticos*, CD-ROM - FFLCH/USP, v. 31, 2002.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- RIBEIRO, João. O Judeu Errante. In: _____. *O folk-lore: estudos de literatura popular*. Rio de Janeiro: Livreiro-Editor, 1919. p. 301-308.
- ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekund et al. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000. p. 665-672.
- TROUSSON, Raymond. Prometeu. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekund et al. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000. p. 784-793.
- WALDMAN, Berta. Ahasverus: o Judeu Errante e a errância dos sentidos. *Revista de estudos judaicos*, Belo Horizonte, n. 1, p. 40-49, 1998.